

CHIRAC A FERNANDO HENRIQUE: - EU SOU VOCÊ AMANHÃ!

O Palácio do Planalto começou a semana fazendo piada. Fernando Henrique telefonou a Jacques Chirac, presidente da França, para tentar consolá-lo pela surra que levou. Chirac avisou:

- "Fernando, eu sou você amanhã".

Eles são muito parecidos. No bem e no mal. Até fisicamente. Charmosos, elegantes, simpáticos, bem falantes, intelectuais, auto-suficientes, autoritários, frios, gelados, sem compromisso com o que dizem ou escrevem ("Esqueçam o que escrevi"!), capazes de qualquer coisa para subirem um degrau, qualquer que ele seja. Mesmo o degrau do inferno.

"ORIENTAÇÃO DEMONÍACA"

O psicanalista francês Daniel Sibony decifra a cabeça gulosa de Chirac, o Fernando Henrique de lá, nunca satisfeito com o que tem, sempre querendo mais, a qualquer preço, a qualquer Ronivon:

- "Depois de lutar durante 30 anos para chegar à Presidência, Chirac vive momentos de depressão. Como é um homem dinâmico, fica entediado no Eliseu. Por isso quer que aconteça alguma coisa. Sua eleição estancou o desejo. Não sente mais paixão por coisa alguma. É o que Freud chamava de "orientação demoníaca", uma neurose que provoca a multiplicação de erros e atos falhos". (*El País*).

DOIS ANOS

Dois anos de mandato de Chirac e dois anos de mandato de Fernando Henrique não são apenas uma coincidência. São um retrato do poder e um destino. Dois anos foram suficientes para Chirac ser consagradoramente eleito no primeiro semestre de 95 (com 54% dos votos, como o Chirac brasileiro), con-



quistar para seu Governo 80% da Assembleia Nacional ainda em 95 e, dois anos depois, levar a mais humilhante surra de toda a Vª República, criada em 1958 por seu herói e líder De Gaulle.

Dois meses atrás, Chirac jamais imaginou que tomaria a tunda que tomou. Tanto que antecipou as eleições, que deveriam realizar-se em março de 98. Ele pensou, e com razão, que com mais dez meses de Governo o povo não suportaria mais seu programa neoliberal que já pôs a França com 4 milhões de desempregados (quase 13%) e cortou ou tentava cortar numerosas conquistas sociais vindas da Revolução Francesa.

Dois meses atrás também FHC acha-

va que estava reeleito.

CHIRAC BRASILEIRO

O Chirac brasileiro, ao tomar posse, também disse que "a era Vargas acabou". Fernando Henrique queria dizer que as conquistas sociais da "era Vargas" (1930 a 1995) tinham chegado ao fim. E, a serviço do projeto neoliberal do sistema financeiro internacional, comandado pelo Fundo Monetário e pelo Banco Mundial, começou a tentar desmontar todos os direitos assegurados pela legislação trabalhista.

Até romper com a convenção 158,

assinada pelo Brasil com a OIT (Organização Internacional do Trabalho), onde o Brasil está desde 1919, muito antes de Getúlio chegar ao poder, ele rompeu, para facilitar a "demissão sem justa causa" e sem indenização trabalhista.

A resposta dos franceses a Chirac, rápida, avassaladora, surpreendente pelo tamanho da virada, explica bem a matinal de segunda-feira, que corria pelos corredores do Palácio do Planalto. É evidente que Fernando Henrique, que não é nenhum tolo (é só "neobobo"), muito pelo contrário, e conhece a França como poucos, já analisou o resultado das eleições francesas e chegou à conclusão óbvia, inevitável:

- "Se isso aconteceu na França, onde

o Governo garante salário para todos os desempregados, imaginem no Brasil, onde o desemprego está galopando, crescendo mês a mês, fruto da recessão que vai comendo a economia nacional, as pequenas e médias empresas, e até muitas das grandes que, para não falirem, estão se vendendo na bacia das almas dos grandes grupos internacionais. Meu 98 vai ser pior do que o 97 de Chirac".

ALIÇÃO

Os políticos e a imprensa francesa tiraram logo duas claras lições:

1. "O resultado deu uma severa lição quando o poder sobe à cabeça dos políticos. Foi uma mistura de pressa, improvisação e erro de cálculo".

2. "A direita fazer campanha com o tema da mudança, depois de quatro anos no Governo (e dois de Chirac na Presidência), foi uma coisa francamente masoquista. Os eleitores que queriam mudanças não iriam reeleger os mesmos homens com as mesmas políticas". (Alain Duhamel).

3. "O impulsivo presidente conservador (Chirac) se apressou demais e avaliou mal o estado de ânimo do eleitorado. Jospin perguntou porque Chirac estava tão apressado e porque não tinha usado sua grande maioria parlamentar para fazer essas mudanças antes". (Paul Taylor).

(Exatamente igual ao erro definitivo cometido aqui pelo também "impulsivo" Fernando Henrique, violentando, intimidando e corrompendo o Congresso para aprovar a reeleição logo, antes da aprovação das reformas, que agora se tornaram quase "inotáveis e inaprováveis").